



TEMA III

O LIVRO DO ÊXODO

O POVO DE DEUS NO DESERTO

I – A SAÍDA DO EGITO

O Povo de Deus no deserto andava

Temos um canto no Brasil que expressa bem o caminho do Êxodo:

O Povo de Deus no deserto andava. Mas à sua frente alguém caminhava

O povo de Deus era rico de nada: só tinha esperança e o pó da estrada

Também sou teu povo Senhor e estou nessa estrada. Somente a tua graça me basta e mais nada (2x)

Do que trata o livro?

O assunto principal é a narração do êxodo dos hebreus do Egito até a conquista da Terra prometida, guiados por Moisés, num arco de tempo que vai aproximadamente de 1250 a 1200 a.C. Depois de 430 anos (Ex 12,40), Deus tirou o seu povo da angústia do Egito (Ex 3-14; Dt 4,34). A história completa está narrada nos livros bíblicos de Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio e Josué.

O livro fala também da entrega da Lei (religiosa e civil) no Monte Sinai e da ALIANÇA como pacto Sagrado com Deus, pelo qual Israel se torna «o POVO DE DEUS». Com a expressão: “Aquele que te fez sair do Egito”, Deus recordará sempre ao povo o Seu poder e o fundamento da Aliança (Ex 20,2; At 13,17).

Como o povo foi parar no Egito?

Ex 1,5 diz que foram «setenta pessoas» (Cf. Gn 46,27 e Dt 10,22) que entram com Jacó (pai de José) no Egito. A versão grega (Septuaginta) e um manuscrito de Qumran falam de 75 pessoas (como está no discurso de Estêvão, em At 7,14). As cinco pessoas a mais são os descendentes de Efraim e Manassés.

Em **Ex 1,9.20** se diz que o povo tinha se tornado numeroso. A fecundidade extraordinária do povo é o cumprimento das promessas que Deus fizera aos Patriarcas em Gn 17,2-6. No Egito, não temos mais uma Tribo ou um Clã; a partir de agora os israelitas são um POVO.

⇒ “José desceu sozinho ao Egito e logo depois saíram do Egito seiscentas mil pessoas. O que é mais maravilhoso do que isso, ou que prova maior existe da generosidade de Deus, quando em tempos de escassez Ele quer dar abundância aos assuntos públicos?»: S. Gregório Nazianzeno, *Discurso sobre o mais importante*, 42,5.

O Egito no Antigo e no Novo Testamento

O Egito é citado mais de 600 vezes no Antigo Testamento. É visto como terra de fertilidade (Gn 13,10), poderio militar (Ex 14,7; Is 31,1; Zc 10,11), riqueza (Hb 11,26), segurança (Jr 42,14) e idolatria (Is 19,1).

No Novo Testamento, Jesus desce ao Egito com seus pais (Gn 12,10; 39,1; 46. 3-4; Mt 2,13). Em Jesus se cumpre a profecia que diz: “Do Egito chamei meu filho!” (Os 11,1; Mt 2,15). O Egito é o nome simbólico da “grande cidade” da qual os cristãos devem cumprir o êxodo pascal com Cristo (Ap 11,8; 18,4; cf. Lc 9,31; Jo 13,1). Como profetizou Isaías, a salvação de Deus incluirá também o Egito (Is 19,25; At 2,10).

Fuga ou expulsão?

De quanto vemos em Ex.1-3, parece que **o êxodo não foi uma fuga e sim uma expulsão**. É uma outra concepção do Êxodo, inconciliável com aquela da fuga. «Mas ambas podem ser justificadas se se tratar de dois grupos diferentes. A tradição do **êxodo-fuga** refere-se ao grupo de Moisés, que será perseguido pelos egípcios e será beneficiado pelo milagre do mar. O **êxodo-expulsão** refere-se a um grupo semelhante, que teria sido expulso do Egito antes [...] A tradição referente ao grupo de Moisés é a mais importante e canaliza as lembranças do êxodo-expulsão» (Bíblia de Jerusalém).

As rotas

Em **Ex 13,17-22** encontramos o problema da **rota do Êxodo**, difícil de se determinar com exatidão. Os estudos recentes apresentam a hipótese de **duas rotas diferentes** seguidas por **dois grupos diferentes**.

1ª Rota = setentrional (leste / norte). Atravessaram parte da península do Sinai para Qadesh-Barnea sem, contudo, tomar a rota que corre longo o mar Mediterrâneo (v.17). Foi a rota tomada pelo primeiro grupo a sair, membros das tribos de Rúben, Simeão, Levi e Judá. É o grupo da tradição do êxodo-expulsão, que invadiu a terra de Canaã vindo do sul (cf. Nm 13,22-23; 14,24);

2ª Rota = meridional (sudeste/sul), para a parte inferior da península do Sinai, onde fora feita a Aliança do Sinai. Seria o caminho do deserto mencionado no v. 18, tomado por elementos das tribos de Benjamim, Efraim e Manassés que deixaram o Egito mais tarde (*êxodo fuga*), liderados por Moisés. Este grupo teria vagado pelo deserto, conhecido o Senhor no Sinai e invadido a terra de Canaã vindo do leste (pelo rio Jordão).

Mais tarde, as diferentes entradas em Canaã foram combinadas e, assim, as diferentes experiências do Êxodo foram unidas.

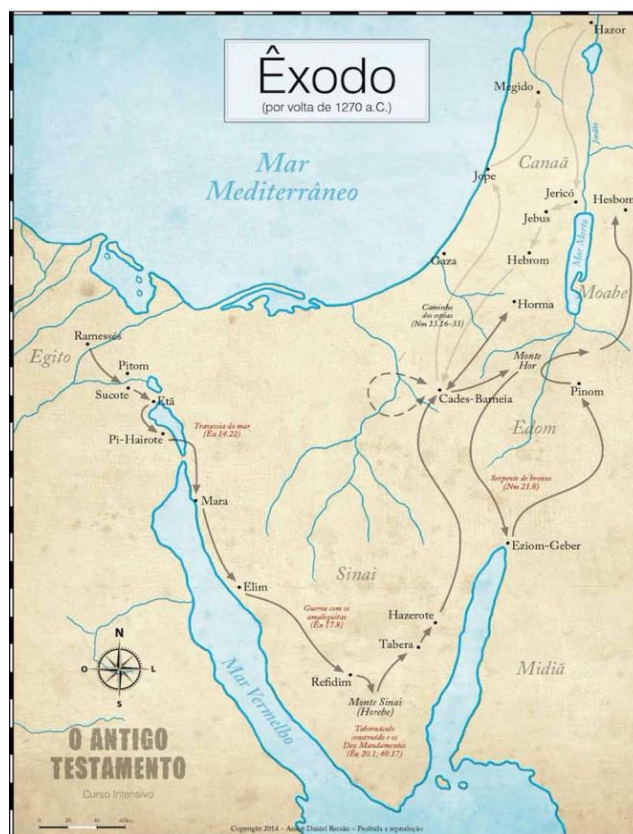
A passagem do Mar

Na passagem de **Ex 13,18** encontramos a citação do **Mar dos Juncos**. Não seria, porém, o Mar Vermelho? Hoje a versão mais aceita é a do Mar dos Juncos, de localização, porém duvidosa. A expressão «mar Vermelho» deriva dos tradutores gregos das escrituras hebraicas. Em **14,19-31** vemos duas tradições para a passagem desse Mar. As tradições bíblicas não são um relato minucioso do que aconteceu no mar dos Juncos, mas falam do modo como Israel interpretou esse momento insistindo na **bravura militar do Senhor** que luta pelo povo. De fato, Israel não guerreou; quem exterminou o valente exército egípcio foi o Senhor. Alguns defensores da «Teoria das Fontes» dão uma análise interessante da passagem do mar, atribuindo-a a dois autores diferentes:

- a) Segundo a **tradição javista (J)**, o Senhor se manifesta no Anjo (v.19a) e na coluna de nuvem (v.19b). O Senhor assume a posição entre Israel e os egípcios (v.20) e, durante a noite, repele o mar com um forte vento leste (v.21b). Ele atea confusão/pânico entre os egípcios, provocando a dispersão da disciplina militar (v.24) e trava as rodas dos carros de guerra, causando o toque de retirada (v.25). Entretanto, ao amanhecer, o mar recupera a sua profundidade natural e o Senhor arremessa os egípcios em retirada no meio do mar (v.27b). Israel reconhece a intervenção do Senhor e acredita Nele e no seu servo Moisés (vv.30-31).
- b) Para a **tradição sacerdotal (P)**, Moisés estende a mão sobre o mar, causando um milagre estupendo: o mar se abre e surge a terra seca para a passagem de Israel (v.22). Os egípcios perseguem Israel (v.23) mas Deus ordena a Moisés que estenda as mãos sobre o mar (vv.26-27a) e as águas se voltam e recobrem todo o exército egípcio (v.28). Por fim, a tradição sacerdotal (P) menciona de forma muito mais dramática que aquela javista (J), a passagem dos israelitas em terra seca, com uma muralha d'água à direita e à esquerda (v.29). Em P, o gesto de Moisés substitui o forte vento leste do Senhor.

O Cântico da vitória que segue a passagem do Mar (15, 1-21) é a narração (em verso) mais antiga da travessia, principalmente o v.21, do qual os vv. 1-18 são uma ampliação. O poema é datado em torno do ano 1.100 a.C. Se ler bem, o cântico fala quase nada da passagem dos israelitas pelo mar e se concentra na destruição dos inimigos. Além disso, o cântico inclui o poder de Deus sobre os vizinhos de Israel (vv.14-16) e alude à posse régia do Senhor sobre

o seu Santuário (v.17) ou seja, sobre o Templo, que mais tarde foi erguido no monte Sião, em Jerusalém. Em todo caso, fica claro que quem lutou foi o Senhor e não Israel.



II – O FARAÓ DO CORAÇÃO ENDURECIDO

Em **Ex 1,11** o termo «Faraó» é usado como nome próprio. O rei do Egito era o proprietário de todas as terras, animais e pessoas do seu país, cf. *Gn 47,20-21*. Ele cobrava tributos de tudo o que era seu e, no caso de pessoas, os tributos eram cobrados em forma de trabalhos nas construções reais.

O livro não cita o seu nome, porque a memória dos maus não deve ser mantida na Sagrada Escritura. Há, na verdade, dois governantes citados com o nome genérico de Faraó: o primeiro, é que aparece nos quatro primeiros capítulos; o segundo, é o do quinto capítulo. O primeiro procurava controlar a natalidade para proteger o Egito contra as possíveis insurreições israelitas. O segundo, que recebe Moisés, vê com bons olhos o crescimento do povo. Mão de obra é sinal de riqueza. Por isso, ele não quer a eliminação massiva dos hebreus e não vê com bons olhos o afastamento do povo dos campos de trabalho. O ritmo de construção das cidades era ditado pelo ritmo de fabricação de tijolos; e este, pela disponibilidade de mão de obra.

O Faraó representa o papel do vilão. Além de retirar a palha, que facilitava a confecção dos tijolos (cf. *Ex 5,7*), o ele se apresenta como homem ímpio, ou seja, um homem que não conhece o Senhor (cf. *Ex 5,2*) e não permite a liberdade do culto (cf. *Ex 5,3*). Nas sociedades antigas, o ateísmo e a insensibilidade para com a vontade dos deuses caracterizavam a impiedade no sentido estrito do termo.

O coração endurecido

O coração, para os antigos, era o órgão do raciocínio e da vontade. O livro do Ex, admite tanto a ação divina quanto a liberdade humana, empregando três maneiras diferentes para expressar o endurecimento do coração do Faraó:

- a) O coração do Faraó **ficou endurecido**: 7,13.14.22; 8,15; 9,7.35
- b) O Faraó **endureceu, ele mesmo**, o (próprio) coração: 8,11.28
- c) O **Senhor endureceu** o coração do Faraó: 7,3; 9,12; 10,1.20.27

⇒ Os Padres da Igreja ensinam:

“...não foi a violência de Deus, mas a própria iniquidade e uma soberba indomável, o que endureceu tantas vezes o Faraó diante do que Deus ordenava”: São Cesáreo de Arles, *Sermão*, 101,4.

“Foi culpa do Faraó ter um coração tal que a paciência de Deus não tinha como movê-lo à compaixão mas à impiedade... é preciso verificar se podemos interpretar a frase ‘eu endurecerei’ (7,3) como se quisesse dizer ‘eu demonstrarei quão duro é’”: Santo Agostinho, *Questões sobre o Êxodo*, 18.

⇒ Chave de leitura: Ex 9,16: “foi precisamente por isso que te conservei de pé, para fazer-te ver o meu poder e pra que o meu nome seja proclamado em toda terra” (citado em Rm 9,17)

As pragas do Egito

Ex 7,8-13 – Introdução às «pragas».

- a) O relato das pragas não é tanto uma série de devastações quanto uma série de contendas entre o Faraó e Moisés, ligadas à pergunta de 5,2: «quem é o Senhor?». A intenção do autor é exaltar a Onipotência de Deus para demonstrar ao Faraó quem Ele é. As pragas apontam para um prodígio maior: o relato do Mar dos Juntos (travessia).
- b) «Não se deve procurar justificar esses prodígios pela astronomia ou pelas ciências naturais. A narrativa recorre a certos fenômenos naturais conhecidos no Egito e desconhecidos na palestina (o Nilo vermelho, as rãs, o siroco negro) ou conhecidos no Egito e na Palestina (gafanhotos= ou conhecidos apenas na Palestina (granizo).
- c) Por fim, o Faraó não cede e o fracasso de Moisés e Aarão não deixa dúvida: não adianta negociar; é preciso fugir.

Ex 7,14-25 – Primeira praga: «a água transformada em sangue».

Tradição **J e E**: vv. 14-18. 20b-21a. 23-25: somente o Nilo é afetado

Tradição **P**: vv. 19-20. 21b-22: todas as águas do Egito são afetadas

Os magos do Egito fazem a mesma coisa

Resposta esperada do Faraó: reconhecer o Senhor (7,17)

Resultado: o coração do Faraó se endureceu sozinho (7,22)

Ex 7,26 – 8,11 – Segunda praga: «as rãs»

Tradição **J e E**: vv. 7,26-29; 8,4-9a: somente o Nilo é afetado

Tradição **P**: vv. 8, 1-3. 11b: todas as águas do Egito são afetadas

Os magos do Egito fazem a mesma coisa (8,3)

O Faraó pede a intercessão de Moisés (8,4)

Resposta esperada do Faraó: reconhecer que não há ninguém como o Senhor (8,6)

Resultado: o coração do Faraó se endureceu sozinho (8,11)

Ex 8,12-15 – Terceira praga: «os percevejos ou insetos»

Esta narração veio inteiramente da tradição **P**

Os magos do Egito não conseguem fazer a mesma coisa (8,14)

Os magos reconhecem que nisso tem o dedo de Deus (8,15)

Resultado: o coração do Faraó se endureceu sozinho (8,15)

Ex 8,16-28 – Quarta praga: «as moscas»

Esta narração veio das tradições **J e E**

Resposta esperada do Faraó: reconhecer que o Senhor está no meio da terra (8,18)

A peste atinge somente os egípcios mas não os israelitas (8,19)

O Faraó manda chamar Moisés e Araão para negociar (8,21)

O Faraó pede a intercessão de Moisés (8,24)

Há um claro progresso no caráter do Faraó

Resultado: o Faraó endureceu o seu (próprio) coração (8,28)

Ex 9,1-7 – Quinta praga: «a peste dos animais»

Esta narração veio das tradições **J e E**

A peste atinge somente os animais dos egípcios mas não aquele dos israelitas (9,4)

O Faraó mandou verificar se havia mesmo essa distinção (9,5)

Resposta esperada do Faraó: deixar o povo partir para servir a Deus (9,1)

Não há negociação entre o Faraó e Moisés

Resultado: o coração do Faraó se endureceu sozinho (9,7)

Ex 9,8-12 – Sexta praga: «as úlceras ou furúnculos»

Esta narração veio inteiramente da tradição **P**

Os magos do Egito, que enfrentaram as duas primeiras pragas e admitiram o dedo de deus na terceira, tinham desaparecido na quarta e na quinta e agora, na sexta, são vítimas da praga.

O poder de Deus venceu toda magia (9,11)

Resultado: Deus endureceu o coração do Faraó (9,12)

Ex 9,13-35 – Sétima praga: «o granizo ou “chuva de pedras”»

Esta narração veio das tradições **J e E**

Resposta esperada do Faraó: deixar o povo partir para servir a Deus (9,13) e reconhecer (tanto o Faraó quanto os súditos) que não existe ninguém semelhante ao Senhor em toda a terra (9,14). Além disso o Faraó deve reconhecer que a terra é do Senhor (9,29)

Nesta praga se dá uma explicação para o fracasso das pragas anteriores em induzir o Faraó a ceder. O Senhor agiu desta forma para manifestar a Sua força e fazer o Seu nome ser proclamado em toda a terra (9,16)

O Faraó se arrepende (9,27) e pede a intercessão de Moisés (9,28)

Resultado: o coração do Faraó se endureceu sozinho (9,35)

Ex 10,1-20 – Oitava praga: «os gafanhotos»

Esta narração veio das tradições **J e E**

Inicialmente, temos uma explicação da dureza do coração do Faraó e dos seus servos. Tudo foi planejado pelo Senhor para demonstrar a Sua força e para que se narre o seu poder de geração em geração em Israel (10,1-2)

Resposta esperada do Faraó: humilhar-se perante o Senhor e deixar o povo partir (10,3)

Pela primeira vez, os servos do Faraó o aconselham a ser prudente e razoável (10,7)

Aarão e Moisés são chamados à Corte (10,8)

O Faraó suspeita de alguma conspiração em andamento e não permite uma partida geral, exigindo que as mulheres e crianças ficassem como reféns (10,9-11)

O Faraó se arrepende (10,16) e pede a intercessão de Moisés (10,17)

Resultado: Deus endureceu o coração do Faraó (10,20)

Ex 10,21-29 – Nona praga: «as trevas»

Esta narração veio das tradições **J** e **E**

A peste atinge somente os egípcios mas não os israelitas (10,23)

O Faraó está disposto a deixar Israel sair, mas sem os rebanhos (10,24)

Moisés reage com ironia: o culto exige o sacrifício de animais; a quantidade de animais, porém será sabida somente no local do sacrifício. Por isso, todos os rebanhos devem ir junto (10,26).

Resultado: Deus endureceu o coração do Faraó (10,27)

Há exasperação. Estão num impasse: chega de negociar. Ameaça de morte a Moisés (10,28).

Ex 11 – Décima praga: «a morte dos primogênitos»

III – AS QUESTÕES EM TORNO AO DECÁLOGO – Ex 20

Diversas formas de entender o texto. A Igreja alterou o decálogo?

Judeus e cristãos (católicos, ortodoxos ou protestantes) nunca duvidaram sobre o número dos Mandamentos (decálogo). Contudo, a Bíblia não os enumera. É bom lembrar que a atual divisão em capítulos e versículos é posterior à redação dos livros bíblicos:

A divisão em capítulos foi feita por Stephen Langton em 1226;

A divisão dos capítulos em versículos foi feita por Sante Paganini (Antigo Testamento) em 1541 e por Roberto Estienne (Novo Testamento) em 1551.

Por esse motivo, existem, pelo menos, 3 formas de se dividir o Decálogo:

a) Divisão feita pelos **rabinos, no **targumin**:**

1º Mandamento: culto ao verdadeiro Deus (Ex 20,2).

2º Mandamento: proibição ao culto de falsos deuses (20,3-6).

3º Mandamento: honrar o nome de Deus (20,7).

4º ao 10º Mandamentos (cf. 20,8-17), sendo o 10º a proibição de cobiçar qualquer coisa alheia, inclusive a mulher, pelo mesmo motivo.

Esta é a divisão aceita pelos judeus contemporâneos.

b) Divisão proposta por **Filon de Alexandria e **Flávio Josefo** (judeus helenistas):**

1º Mandamento: Dar culto a um só Deus (Ex 20,2-3).

2º Mandamento: proibição da idolatria (20,4-6).

3º Mandamento: honrar o nome de Deus (20,7).

4º Mandamento: observar o sábado (cf. 20,8-11).

5º ao 10º Mandamentos: relações do homem com seu próximo (20,12-17), sendo o 10º a proibição de cobiçar qualquer coisa alheia, inclusive a mulher, que era vista como coisa (=objeto de propriedade).

Esta é a divisão aceita por vários grupos protestantes, graças aos reformadores do séc. XVI, que adotaram o mesmo ponto de vista dos judeus helenistas.

c) Divisão proposta por **Santo Agostinho**, uma das maiores autoridades da Igreja:

1º Mandamento: culto e adoração a um só Deus (Ex 20,2-6).

2º Mandamento: honrar o nome de Deus (20,7).

3º Mandamento: observar o dia do Senhor (20,8-11).

4º ao 10º Mandamentos (cf. 20,8-17): relações do homem com seu próximo, sendo o 9º a proibição de cobiçar a mulher do próximo e o 10º, a de cobiçar coisas alheias (casa, boi, etc.).

Esta é a divisão adotada pela Igreja cristã, seguida até hoje pela Igreja Católica e pela Igreja Luterana.

As razões de Santo Agostinho

Se Deus é único, então adorar o verdadeiro Deus e não prestar culto a outros deuses é um único e mesmo mandamento formulado de maneira positiva e negativamente. Ora, quem adora e ama o Verdadeiro e Único Deus não tem como adorar e amar falsos deuses (=ídolos), uma vez que estes não existem. É algo totalmente inconcebível à razão prestar culto a um Deus único e, ao mesmo tempo, cultuar outros deuses. São coisas completamente excludentes e antagônicas. Algo completamente irracional!

Ex 20,17 possui dois preceitos distintos, insinuados pela repetição da expressão “Não cobiçarás...”: a fórmula parece refrear duas paixões que são latentes no homem:

a) A *paixão de possuir*, que cobiça os bens do próximo.

b) A *paixão sexual*, que cobiça a esposa do próximo.

A divisão observada por Santo Agostinho já tinha sido proposta no séc. II por Teófilo de Antioquia e Clemente de Alexandria, como comprovam os escritos patrísticos.

Ex 20,1-17 – Dt 5,6-21 Duas versões para os “dez mandamentos”

O Decálogo (ou “Dez Palavras”) cf. Ex 34,28; Dt 4,13; 10,4) foi-nos transmitido em duas formas:

Ex 20,1-17 segundo a tradição eloísta (E);

Dt 5,6-21, segundo a tradição deuteronomista (D);

São duas narrações um pouco diferentes. A sua forma primitiva, que está na origem das duas, remonta ao tempo de Moisés e devia ser uma sequência de dez fórmulas breves (cf. o 5º, 6º, 7º e 8º mandamentos) ritmadas e fáceis de se memorizar.

Depois, ele foi transmitido oralmente pelos grupos que haviam feito a experiência do Sinai e que sabia que ele continha as “palavras” que Deus tinha pronunciado ali. Por isso foi inserido,

com desenvolvimentos, na narrativa da teofania. A tradição eloísta continua em Ex 24,3, para além do Código da Aliança. O decálogo cobre todo o campo da vida religiosa e moral.

Na Igreja cristã, duas divisões dos mandamentos foram propostas:

1ª) vv. 2-3; 4-6; 7, 8-11; 12, 13, 14, 15, 16, 17

Esta primeira versão, feita pelos Padres Gregos, foi conservada pela Igreja Ortodoxa e por vários grupos protestantes;

2ª) vv. 3-6; 7, 8-11; 12, 13, 14, 15, 16, 17a, 17b.

Esta segunda versão, estabelecida por Santo Agostinho a partir do Deuteronômio, foi conservada pelas Igrejas Católica e Luterana.

CORRESPONDÊNCIA DOS MANDAMENTOS NAS DUAS VERSÕES CRISTÃS				
<i>Enunciado catequético</i>	Nº	<i>Versão grega SEPTUAGINTA</i>	Nº	<i>Versão latina VULGATA</i>
		<i>Igrejas Ortodoxa e Protestante</i>		<i>Igrejas Católica e Luterana</i>
Amar a Deus sobre todas as coisas	1º	Ex 20,2-3	1º	Ex 20,3-6
Não adorar ídolos	2º	Ex 20,4-6	1º	
Não tomar seu Santo Nome em vão	3º	Ex 20,7	2º	Ex 20,7
Guardar domingos e festas	4º	Ex 20,8-11	3º	Ex 20,8-11
Honrar pai e mãe	5º	Ex 20,12	4º	Ex 20,12
Não matar	6º	Ex 20,13	5º	Ex 20,13
Não pecar contra a castidade	7º	Ex 20,14	6º	Ex 20,14
Não furtar	8º	Ex 20,15	7º	Ex 20,15
Não levantar falso testemunho	9º	Ex 20,16	8º	Ex 20,16
Não cobiçar a mulher do próximo	10º	Ex 20,17	9º	Ex 20,17a
Não cobiçar as coisas alheias	10º		10º	Ex 20,17b

⇒ Para um entendimento melhor sobre a consideração da Igreja acerca dos 10 Mandamentos, é preciso ver o Catecismo da Igreja Católica.

O Catecismo trata deles na Parte III: “A vida em Cristo”, na segunda seção: “Os dez mandamentos” – Par. 2052 a 2557. Ver a interessante tabela comparativa entre “Ex 20,2-17 – Dt 5,6-21 – Fórmula Catequética” que está colocada antes do § 2052 (Ed. CNBB 2013, pág. 642-644)

A Igreja alterou as Escrituras?

A Igreja cristã adotou esse meio de divisão porque, entre as três divisões existentes, **é a que se apresenta mais lógica, racional e plausível**. Dom Estevão Bettencourt, OBS grande teólogo brasileiro, observa: “Adotando a divisão de Santo Agostinho teria a Igreja Católica alterado a Escritura Sagrada? Deveremos responder que a Igreja ‘alterou’ tanto quanto os protestantes a ‘alteram’ quando inculcam a sua divisão. De modo especial note-se: a divisão de Lutero e Calvino não é ensinada tal qual pela S. Escritura nem é a dos rabinos antigos nem a dos judeus atuais (doutro lado, tenha-se em vista a grande autoridade que Lutero e os reformadores atribuíam a S. Agostinho)” (cf. Bettencourt, *Diálogo Ecumênico*, 243-244).

E a questão das imagens?

Dom Estevão ainda observa: “Ademais é de frisar que a divisão dos mandamentos do Decálogo não tem que ver com a confecção das imagens, pois os cristãos orientais, desde os primeiros séculos, adotaram a primeira divisão (aquela que Lutero e Calvino também adotaram) e, não obstante, dedicam profunda veneração aos Santos representados por suas imagens (ou ícones). Onde se vê que os cristãos orientais entenderam bem que a proibição de confeccionar imagens no Antigo Testamento tinha caráter provisório, visando apenas a evitar que o povo de Israel, cercado de nações idólatras, adotasse os cultos pagãos dos seus vizinhos” (cf. Bettencourt, *Diálogo Ecumênico*, 244).

Além disso, com relação às imagens, é bom que se lembre que o próprio povo eleito de Deus fez muitas e – sem qualquer sombra de dúvidas – com a aprovação do próprio Deus, como podemos deduzir por diversas passagens bíblicas, tais como: Ex 25,17-22 (os 2 querubins da Arca da Aliança; note-se que esta passagem já está além dos 10 Mandamentos, uma vez que se encontra no cap. 25!!!), 1Rs 6,29-30, Nm 21,4-9, 1Rs 7,28-29.

A polêmica protestante se deve, no fundo, a uma consideração literal dos textos. Ora, se devemos tomar os versículos bíblicos literalmente, como ficaria hoje o entendimento dos seguintes?

Dt 14,8 não comer carne de porco

Lv 19,19 não misturar fios de origem diferente no mesmo tecido

Pe. Dr. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

Atlante della Bibbia, Roma, Touring Club, 2017.

Atlas bíblico, 2ª reimp., Estella, Verbo Divino, 2019.

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

BERGANT, D. – KARRIS, R. (org.), *Comentário bíblico*. Vol.1., 8ª ed., Trad. Barbara Lambert, São Paulo, Loyola, 2014.

- BETTENCOURT, E., *Diálogo ecumênico. Temas controvertidos*, Rio de Janeiro, Lumen Christi, 1984.
- Catecismo da Igreja Católica*, 5ª ed., Brasília, CNBB, 2023.
- DONNER, H.. *História de Israel e dos povos vizinhos*. Vol.1: Dos primórdios até a formação do Estado, São Leopoldo, Sinodal, 1997.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, Trad. Orlando Soares Moreira, São Paulo, Paulus – Loyola, 2008.
- REINKE, A. D., *O Antigo Testamento. Curso intensivo*. Disponível em:
<https://andredanielreinke.com.br/category/cursos>
- SERAFINI, F., – PEREGO, G., *Piccolo atlante biblico*, Alba, San Paolo, 2014.
- VAUX, R., *Instituições de Israel no Antigo Testamento*, São Paulo, Teológica, 2003.